

O longo alcance da psicanálise: um ensaio sobre a memória do futuro

Arnaldo Chuster^[1]

RESUMO: O autor, a partir do conceito de pré-concepção, compreendida como uma função geradora da mente, conjectura a existência de uma mente embrionária, que se desenvolve pelo movimento primitivo da imaginação radical. Esta também coincide com o fenômeno da intuição. O movimento combinatório de desdobramento da mente, até chegar no meio extrauterino e transformar-se em imaginação, depende da interação com outros e, para Bion, é compreendido no espectro de possibilidades de observação *rêverie-função alfa*. Diante da complexidade da mente humana – que não aceita fenômenos que comportem compreensões dualistas –, como observá-la? No transcorrer do artigo, são desdobradas várias questões que têm como ponto de partida a trilogia *A memoir of the future (Uma memória do futuro)*, de Bion.

PALAVRAS-CHAVE: pré-concepção, imaginação radical, pensamento complexo, cesura

1. Médico psiquiatra e psicanalista. Doutor em psicologia médica. Membro efetivo e didata da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) e do Newport Psychoanalytical Institute (NPI), dos EUA, e membro honorário do Instituto BION, de Porto Alegre. Já publicou 22 livros.

A relação entre duas letras gregas ψ (ξ), seguindo o algoritmo das funções matemáticas $f(x)$, foi usada por Bion para representar a *pré-concepção*.

Podemos pensar no *conceito* como representando a *função* geradora da mente. Trata-se – parafraseando John Milton (1667/2015, canto IV) – de um conceito que nos fala de um mundo *invisível* aos olhos dos mortais. Todavia, essa função é absolutamente essencial para nos designar como seres humanos e indica o *potencial* que, uma vez acionado no processo psicanalítico, permite que exista *evolução* do Ser através da liberdade para pensar e criar.

O maior ou menor *alcance* da psicanálise individual depende da extensão dessa evolução. O futuro da psicanálise, certamente, também dela depende, tanto teórica quanto praticamente.

Por exemplo, a hipótese de uma *análise bem-sucedida* podendo ter um *longo alcance* depende de certas condições. Uma delas é permitir um mínimo de condições para alcançar uma vida emocional de boa qualidade, fornecendo a capacidade de retornar constantemente ao processo consigo mesmo. Além disso, cria a consciência da necessidade de retornar temporariamente com outrem se o processo consigo mesmo estiver falhando ou tornando-se vago.

Em outras palavras, as duas letras gregas ψ (ξ) representam a ideia de que existe algo como uma *mente embrionária* que floresce como *singularidade* humana.

Em vários trabalhos (Chuster, 2002, 2018, 2020, 2024, 2025), me referi ao conceito de *imaginação radical* como o movimento mais primitivo que desenvolve essa mente a partir dos *ritmos intrauterinos*. A imaginação radical é também coincidente com o fenômeno da *intuição*. O termo “imaginação radical” enfatiza que existe um *movimento* combinatório de desdobramento da mente embrionária até chegar no meio extrauterino e se transformar em *imaginação propriamente dita*. Esse fato depende da *interação* com outros e foi estudado por Bion no espectro de possibilidades de observação *rêverie-função alfa*.

O presente trabalho se refere a essa significativa interação complexa, que ocorre do indivíduo consigo mesmo e com os outros, inspirado pela trilogia *A memoir of the future* (*Uma memória do futuro*), de Bion (1975, 1977, 1979), cujo conteúdo é a interação entre personagens reais e fictícios, num esforço de estabelecer a dialógica *complexa* que expressa a experiência emocional da análise.

Função psicanalítica da personalidade

O algoritmo de uma função geradora na qual ψ é a *invariante* significa que a *psique* trabalha na interação com *variáveis* (ξ), que sempre provêm da *experiência*.

A *experiência invisível* precisa encontrar imagens, palavras, mitos, sonhos, pensamentos oníricos que a traduzam, mas todos esses elementos de linguagem dependem das possibilidades que fazem a *intuição* se transformar em *imaginação*. Não existe outra solução senão usar *palavras* para representar o invisível. A solução pode nunca ser suficientemente boa, ou porque tal coisa não existe, ou porque

somente poetas podem atingi-la. Mas, seja em qualquer momento, a psicanálise é uma forma de comunicação verbal que tem o não-verbal como fundo.

A liberdade psicanalítica não exige que o analista seja um poeta, apesar de que, se fosse, poderia tornar-se um melhor analista. O contrário pode não ser verdadeiro, ou seja, o fato de alguém ser poeta não lhe confere habilidades psicanalíticas. Na falta dessa exigência, ao menos podemos usar o *modelo da poesia*, não pela arte em si mesma, mas pela *poiesis*. A arte fica por conta do exercício da psicanálise como *ciência da observação dos relacionamentos humanos pela ótica do inconsciente*.

Essas *conjecturas imaginativas e racionais* me permitem exercer a licença poética que cria a metáfora “ondas psíquicas invisíveis”, sendo, então, a letra ψ na expressão da função $\psi(\xi)$ denominada de *função invariante de um espectro de ondas*.

A mente humana, imaginativamente falando, é feita de um espectro de comprimentos de onda. Neste, a invariante ψ num campo () se modifica de acordo com o aparecimento de inúmeras variáveis ξ inerentes a uma mente social-histórica (experiência). À primeira vista temos aqui um *conceito* de vida psíquica supondo uma contínua *transição* entre *espaços* com movimentos de dentro para fora e vice-versa, juntamente com o importante fato de que entre eles existe uma *cesura*.

Quando digo que algo existe “dentro” e “fora”, isso não é a formulação de um conflito, mas de uma *relação simétrica*. Ela é análoga, no domínio da personalidade, ao que seria a visão bifocal do exame físico. Na experiência sensorial, os olhos focados em determinado ponto fornecem a ideia de que eles se encontram.

O domínio da *intuição* – imaginação radical em busca de uma função que a transforme em algo visível aos olhos dos mortais – não permite termos simplistas. O conceito de *simetria* não aceita os termos simplistas, mas é algo bem simples. Por exemplo, se falamos de real e imaginário, isso significa que eles apenas se complementam um ao outro, pois não se encontram. Na matemática isso equivale à formulação de que duas linhas paralelas só se encontram de forma ilusória no infinito; o encontro decorre do engano produzido pela visão a distância.

No domínio da personalidade, essas “linhas” se tornam simétricas, ou seja, infinitas. Dizer que elas se encontram no infinito é falar da *indeterminação* das observações. Uma solução que parece mais adequada a este mundo complexo é pensar na indeterminação como uma *cesura*. Por exemplo, entre dentro e fora existe uma *cesura* no lugar da indeterminação da simetria dos termos. Dentro e fora nunca coincidem como realidades, mas possuem continuidades e descontinuidades.

A *cesura* é uma entidade infinitamente plástica, expressão da existência de uma simetria símbolo de um *limite* entre a vida intrauterina e a vida extrauterina, pré-natal e pós-natal, uma ideia originalmente relatada por Freud (1926/2014). Todavia, em Bion ela se expande para significar a transição de um mundo regido pelo *acaso* (pré-natal) para um mundo regido pela *escolha* (pós-natal). Essas duas possibilidades continuam existindo desde o nascimento até a morte. São possibilidades simétricas.

A ideia de cesura permite observar e descrever a realidade que encontramos em eventos que tecem uma *rede de interações*. Aquilo que encontramos e a que atribuímos significados são *nós* efêmeros dessa rede. Suas propriedades (*elementos da psicanálise*) só são determinadas no momento dessas interações, e apenas em relação a outras interações de elementos. Ou seja, cada coisa observada é apenas aquilo que se reflete em outras. Torna-se óbvio que precisamos aumentar o número de elementos da psicanálise; foi o que Bion realizou nos textos *Elementos de psicanálise* (1963/2004) e *Transformações* (1965/2004). Ele passou de 4 para um mínimo de 36, que se abrem para o infinito.

Uma imagem para visualizar essa situação de infinitas possibilidades pode ser fornecida pela superfície de um lago (o campo (ξ)) na qual as árvores das margens estão refletidas, cuja imagem, quando sopra o vento, se altera por causa das ondulações. Se o vento é muito forte, podemos ver *não-árvores*, uma forma peculiar e imaginativa de assinalar que as árvores que víamos desapareceram. Mas não o campo – este permanece.

Parece uma ideia muito simples, mas é uma ilusão da observação visual. As árvores continuam nas margens; quem sofreu alterações foi o *observador* por causa da *turbulência* na superfície do lago. O observador se tornou parte do observado por causa da sua interação com o lago. Isso permite dizer que *toda visão é parcial*. Ou seja, não existe uma forma de ver a realidade que não dependa de uma perspectiva (vértice). Não há ponto de vista absoluto, universal. No entanto, os pontos de vista se comunicam, os saberes estão em diálogo entre si e com a realidade – no diálogo se modificam, se enriquecem, convergem, e nossa compreensão da realidade se aprofunda. Sobre isso trata *A memoir of the future* (Bion, 1975, 1977, 1979).

Em outras palavras, foram produzidas descontinuidades pela turbulência na superfície do lago, o que nos leva a confrontar tudo que vemos com a questão da *observação de continuidades/descontinuidades versus turbulência*. Portanto, posso dizer que, se vamos observar ondas psíquicas – e uso essa expressão para aparentemente facilitar meu diálogo –, não há como fazer isso sem levar em conta três elementos: continuidades/descontinuidades, singularidade e turbulência. A singularidade, em especial, entra aqui para dar especificidade a cada observação.

Outra questão importante é que precisamos de uma espécie de instrumento que nos forneça previsões probabilísticas, não exatas, algo que permita trabalhar com *aproximações sucessivas*, uma vez que não temos nunca todos os dados do problema e não podemos saber o que acontecerá. Em Bion encontramos esse instrumento formulado como *espectro rêverie-função alfa*. Trata-se mais de um sistema aberto, não-linear e complexo, apesar de podermos fazer analogia com o telescópio do astrônomo. A calibragem do instrumento ocorre em toda sessão pela ferramenta que se chama *capacidade negativa*.

Esse espectro pode gerar *pensamentos antecipatórios* a partir da percepção do contato com o espectro de *sentimentos*, que é o front das observações psicanalíticas.

Mas o que acontece se não fazemos contato com os sentimentos? Existe algo como não-sentimento?

Qualquer teoria psicanalítica que usamos pode descrever a *observação* do que ocorre numa sessão, mas não consegue descrever o todo nem o que ocorre entre uma sessão e outra. Deste modo, qualquer teoria só permite a *probabilidade* de observar um fato quando existe mais de um fato. Isso também significa que não temos teoria suficiente para todos os fenômenos. Os fenômenos que levam a maior turbulência têm maior risco de produzir sentimentos de não existência

Na mecânica quântica, esse fenômeno é descrito pelo *princípio da incerteza* de Heisenberg. Graças a Bion esse princípio encontra aplicação na psicanálise, o que permite entender realidades de turbulência e ausência de objetos por outra perspectiva.

Vou dar um exemplo do que parece ser um fenômeno ao qual esse princípio se aplica. Vou me reportar a uma descrição que Bion faz daqueles pacientes em que a falha da função alfa é tão grande que faz com que uma das mais importantes características psíquicas, o *sonhar*, seja perdida, e como o sonho é o guardião do sono (como diz Freud), o indivíduo que não pode dormir também não pode estar acordado. Ou, se não pode acordar, é porque não pode dormir.

Estaria o indivíduo num terceiro estado mental, o do não-dormindo e não-acordado? O mesmo estado do lago no qual as árvores desapareceram por causa da turbulência muito forte?

Mas podemos formular a questão de outra forma: e se essa falha fizesse com que o indivíduo estivesse dormindo e acordado ao mesmo tempo? Seria diferente a descrição do fenômeno? Uma sobreposição de dormindo e acordado? Como se houvesse dois indivíduos ao mesmo tempo, em distintos universos.

Para complicar mais um pouco, vou considerar que minha função de onda $\psi(\xi)$ me permite ver somente uma das possibilidades e atribuir a ela uma *realidade*. Se vejo apenas uma realidade quando existe mais de uma, e não sendo fundamentalista religioso nem político, isso me torna um não-observador confiável?

Outra forma de colocar essa questão seria fazendo perguntas: o que é uma observação? O que é um observador?

Bion (1977/2014) sugere que devemos nos ocupar com o *futuro da transferência* para que ela não se transforme em uma *ilusão sem futuro*. As perguntas anteriores são parte da ocupação relacionada com a sessão de amanhã. São perguntas difíceis de fazer, exibem a complexidade necessária ao pensar, e por isso a única saída se encontra em enfrentar a complexidade do campo. Essa tarefa dá um longo alcance à psicanálise.

O objetivo do presente trabalho é continuar desdobrando essas questões, tomando como índice a trilogia *A memoir of the future*, de Bion, de título muito sugestivo e expressão de uma possibilidade que existe apenas para a *complexidade*. Para os deterministas, a proposta que estou trazendo é um palavrão.

A memoir of the future foi escrita num momento da vida em que Bion fez uma guinada filosófica de Kant para Nietzsche. Essa perspectiva é útil para entender

que os títulos dos três volumes podem ser definidos pelas últimas frases do filósofo antes de ter o *breakdown* em Turim. Ele escreveu um bilhete ao seu amigo e editor Georg Brandes dizendo: “você sempre sonhou em me encontrar, agora que me encontrou, tudo que tem a fazer é começar a me esquecer” (citado por E. Carneiro, comunicação pessoal).

Temos, então, três passos a seguir nos três volumes: o *sonho*, o *passado apresentado* e a *aurora do esquecimento*.

Esses passos são dados na trilogia de Bion por personagens que interagem em diálogos que podemos resumir através dos versos de Schiller: “só a plenitude conduz à claridade, e a verdade habita as profundezas” (citado por Heisenberg, 1969/2000, p. 284).

A plenitude é a fartura de conceitos mediante os quais podemos falar de nossos problemas e dos fenômenos que ocorrem na psicanálise, ou que a ela dizem respeito, mas respeitando a incompletude de nossas conclusões. Estamos mais próximos das profundezas onde habita a verdade quando deslizamos pela *complexidade* do mundo.

Volume I: O sonho

O que é um sonho? O que o sonhador pensa dos eventos experimentados no que parece ser ao observador a situação em que está dormindo? No sentido contrário, o que ele pensa dos eventos que experimenta quando o observador está acordado? (Bion, 1975, p. 179, tradução livre)

Quem se depara com esse primeiro volume – e com os demais – tem o despertar brusco do sonho feliz que vinha embalando ilusões de que começáramos a compreender Bion. Mas é um despertar que nos leva ao coração pulsante do pensamento científico de Bion, o *pensamento complexo*, que não é feito de certezas adquiridas, pois é um pensamento em movimento contínuo, cuja força é precisamente a capacidade de recolocar sempre em discussão todas as coisas e começar de novo. Posso, mais uma vez usando licença poética, falar de um *renascimento da psicanálise* naquele ponto onde ela começou. Acrescento ainda um renascimento em cada sessão. Deste modo, a sessão de hoje não tem passado na memória, apenas traços vagos da expectativa de que existe uma mente no *futuro* capaz de acolher as vicissitudes e incompletudes do humano.

O pensamento complexo indica que não devemos ter medo de subverter a ordem do mundo. Ele propõe que devemos ousar perturbar o universo para buscar um mais amplo, e depois voltar a colocar tudo em discussão, subverter tudo de novo.

Não ter medo de repensar o mundo é a força da ciência psicanalítica. A realidade psíquica se redesenha continuamente em formas cada vez mais apuradas. A coragem de reinventar profundamente o mundo animou Freud e animou seus seguidores, pois ele se configura no mais justo dos *sonhos*: o de que tenhamos seres humanos melhores, com melhor qualidade de vida psíquica.

Um elemento comum a todos os autores em psicanálise é a *teoria dos sonhos*. O uso dos sonhos foi sempre imprescindível para esclarecer a qualidade do mundo interno e teve em Bion uma amplitude inédita. Ele considerou o sonhar uma atividade constante da mente, uma diuturna função processadora e protetora, sem a qual não podemos viver e nos desenvolver como seres humanos. A psicanálise é um campo de sonhos, mas também, predominantemente, o campo^[2] da *função* do sonhar.

Com os conceitos de *rêverie* e *função alfa*, penso que Bion tentou solucionar um problema que Meltzer (1996) ressaltou em diversas ocasiões: a teoria de Freud sobre os sonhos não coincide com a clínica de Freud. A teoria comparada à clínica é relativamente simplista. O trabalho clínico executado por Freud é altamente intuitivo e revela uma complexidade inusitada na história da humanidade. A intuição de Freud extrapola suas teorias e nos chega nos dias de hoje com as aberturas infinitas inerentes à psicanálise como uma *linguagem de êxito que traduziu um pensamento sem pensador* (Bion, 1970/2006). Temos no pensamento humano um mundo antes e depois de Freud.

Foi esse aspecto intuitivo que encontrou uma resposta muito viva por parte de Karl Abraham e, posteriormente, de Melanie Klein. A intuição de Abraham o levou a apurar e descrever com mais detalhes as fases do desenvolvimento da libido postuladas por Freud. Esse detalhamento (intuir de certa forma é também detalhar) das fases oral e anal, e a importância do seu funcionamento, foi acolhido de uma forma ainda mais intuitiva por Melanie Klein.

Klein deu continuidade à questão da concretude da realidade psíquica, intuída por Abraham nos seus estudos sobre estados maníaco-depressivos, o que a levou a parar de falar em *superego* (que era o objeto da psicanálise para Freud) e passar a falar em *objetos internos*. Melanie Klein, trazendo a ontologia do Complexo de Édipo para as fases mais primitivas do desenvolvimento, buscou inicialmente compreender a origem materna do superego (Meltzer, 1996), retrabalhando o ideal do ego primitivo. Todavia, ela deixou essa ideia de lado e passou a falar de apenas objetos internos – maternos ou paternos.

Foi desse ponto deixado de lado por Klein que Bion retomou, desenvolvendo outro sentido para o conceito de *pré-concepção inata* de Klein. Ao aplicar sobre o conceito a compreensão matemática das *funções* – cuja maior parte não era inata, mas dependente das experiências que nomeou de *realização* –, Bion expressou de uma forma original e inédita a importância do papel da mãe no desenvolvimento do bebê. Para Bion tratava-se não mais de simplesmente afirmar que a mãe era importante, mas de que forma era importante. Mais ainda, tratava-se de descrever em

2. Conceituar a situação analítica como um campo implica (1) considerá-la como totalidade; (2) levar em conta que o analista e o analisando constituem uma unidade funcional e estão ambos comprometidos de formas distintas no processo; (3) levar em conta que ambos são partícipes de uma relação que se transforma; (4) afirmar que os fatos observados em cada sessão não são preexistentes a ela, mas se originam na própria; (5) considerar que os fatos nela gerados se manifestam como conjunto transferência/contratransferência, e não separadamente como transferência e contratransferência.

detalhes o quão *complexa* é a função psíquica exercida pela mãe e de como observar essa função no trabalho analítico.

Trabalhando nessa direção, Bion chegou a uma compreensão distinta da de Melanie Klein sobre o conceito de *identificação projetiva*. A teoria das funções permitiu que ele a entendesse não como uma fantasia onipotente do bebê, mas como o *método primário de comunicação*. O modelo propõe que o bebê transmite suas necessidades à mãe, e por isso o conceito adquire o status teórico de uma linguagem. Para que ficasse mais clara sua ideia, Bion frisou o caráter real de acontecimentos no conceito: a identificação projetiva não se detém com nada, somente quando atinge o objeto ao qual se destina. Ou seja, as pessoas no nível inconsciente se comunicam querendo ou não – o que fazem com as comunicações é outra questão. Mas a comunicação sempre chega.

No caso de uma comunicação não ser respondida ou ser recusada, a identificação projetiva se torna uma linguagem evacuativa para livrar-se dos terrores resultantes – mas ainda assim é linguagem – e produzirá o que foi chamado de *elementos beta*: os formadores da tela beta, uma representação pictórica de fatos na clínica percebidos como ações, reações físicas e sentimentos de diversas naturezas.

Mais ainda, Bion mostrou que o processo não se restringe ao âmbito materno, pois as falhas também dizem respeito a interações com o pai, a família, a sociedade, e a um estrato último e destacado da sociedade, que é a mente criativa. A imagem de um *loop autopoietico* é a que melhor descreve essas interações.

A imagem tridimensional de um loop mostra a *incompletude* de todos os elementos psíquicos, que só existem se estabelecerem interações entre si. Essa percepção possibilitou descrever a transferência se movendo numa configuração circular e espiralada, também como a de um loop. Essa descrição deixa de lado os conceitos clássicos de repetição e correlativos ligados à teoria pulsional de Freud. Não os exclui porque se trata de um modelo complexo aberto a todas as possibilidades de interação, mas a ênfase na observação mudou. As ideias de Bion tiveram nesse ponto uma resposta inédita no *objeto psicanalítico* (1962/2021) e nas áreas de aplicação, descritas como um contexto ético-estético interativo das áreas dos mitos, sentidos e paixões. Podemos resumidamente descrever essa interação como ocorrendo entre uma experiência sensorial que cria uma história viva e uma que requer um significado. Como a experiência sensorial muda o tempo todo, conseqüentemente a história muda, e os significados passam a ser métodos de aproximação que podem ou não se tornar mais apurados.

A complexidade do modelo do objeto psicanalítico também mostrou que a configuração da transferência pode fornecer uma nova compreensão da teoria das posições de Melanie Klein. As posições em Bion são simultâneas, criando uma permanente tensão psíquica com graus variados de turbulência. O processo de interação entre elas vai se movendo com o quantitativo das forças presentes em cada uma delas. Por outro lado, a interação precisa de um terceiro que as integre, ou seja, o *fato*

seleccionado de Poincaré, que varia de acordo com o tipo de tensão entre as posições. Posteriormente, Bion (1965/2004) descreve mais amplamente essas interações usando a *teoria das transformações*, cuja base é a teoria das catástrofes.

O passado apresentado

Os tempos passado e futuro são frequentemente usados numa conversa psicanalítica. O melhor que podem fazer é representar apenas sugestões da necessidade de discriminar qualidades que estão sendo interpretadas. A única evidência é aquela que o analista pode observar por si mesmo num certo momento, enquanto fala. O fato é obscurecido por palavras que tendenciosamente implicam que o evento ou o sentimento, para o qual se deseja chamar a atenção, ocorreu “no passado” ou “no futuro”. Mas a coisa importante sobre o estado mental do paciente é que existe no momento que está sendo observado pelo analista. (Bion, 1977, p. 132, tradução livre)

Na língua portuguesa, o passado pode ser expresso como *pretérito perfeito*, que indica um fato que aconteceu em determinado momento no passado, e como *pretérito imperfeito*, usado para indicar uma ação que não foi terminada. Isto é, um acontecimento que não foi concluído. Ambos os tempos são relevantes no trabalho analítico. Podemos simplesmente constatar que o psicanalista e os seus instrumentos são parte da sessão que começou em algum momento do passado. O que muitas vezes precisamos fazer é descrever a maneira como parte de uma sessão se manifesta em outra sessão. Nessa constatação podemos chegar à conclusão sobre pretéritos perfeitos e imperfeitos, objetos que são falhos e outros mais bem-sucedidos na comunicação. Todavia, nenhum dos objetos observados se encontra em solidão. Ao contrário, eles nada fazem além de agir um sobre o outro. É para essas interações que temos de olhar se quisermos compreender alguma coisa. O mundo que observamos é um contínuo interagir. É uma densa rede de interações. Podemos chamá-las de *vínculos*.

A função que deu início ao presente trabalho – $\psi(\xi)$ – pode ser espelhada no *a posteriori* de uma sessão. Esse passado reapresentado pode ser descrito numa grade na qual os objetos psicanalíticos se caracterizam pela maneira como interagem.

Na psicanálise podemos colocar esses objetos como personagens. A trilogia de Bion exhibe a interação entre os objetos psicanalíticos como personagens relacionados com sua história pessoal.

Obviamente há sistemas físicos específicos que são observadores em sentido estrito: órgãos dos sentidos, memória e desejo. Mas há um observador não sensorial que se chama imaginação e parte da experiência sensorial que observa para outro tipo de observação, que só pode ser concluída pela imaginação e pela sua public-ação, ou seja, pela linguagem.

As propriedades dos objetos psicanalíticos são apenas a maneira como uma coisa influencia outra. Existem apenas na interação com outras coisas. A teoria

psicanalítica é a teoria de como esses objetos se influenciam. Essa é uma descrição simples, mas tem consequências radicais que abrem um espaço de longo alcance para a psicanálise.

A aurora do esquecimento

Aurora é uma referência a uma teoria popular sobre o sono. É também supostamente a situação em que um indivíduo dormindo passa para o estado de vigília e é assaltado por pensamentos e sentimentos assustadores e irracionais. (Bion, 1977, p. 94, tradução livre)

Na teoria do pensar de Bion, a filosofia oferece um nível *ético* para a psicanálise através da formulação de questões da vida. As respostas da psicanálise a essas questões são dadas através de uma *prática* que leva em conta a *singularidade das raízes inconscientes* da história de cada um, o que faz da psicanálise uma atividade artesanal, que precisa de modelos artísticos. Todavia, como a psicanálise lida com o sofrimento psíquico humano, a comunicação das respostas, apesar de seguir padrões estéticos, necessita de precisão para atender a esse sofrimento, o que sugere que deveríamos buscar também modelos matemáticos.

Deste modo, a relação entre a filosofia e a psicanálise deve ser da mesma ordem que existe entre a matemática pura e a matemática aplicada, ou seja, a psicanálise necessita possuir um campo, e esse campo precisa ser regido por princípios epistemológicos que o afastem de crenças e hábitos vazios. A matemática oferece, então, o nível mais originário, que é o *metafísico*, no qual se define o campo – no caso, o da *verdade*, com as limitações e alcances dessa hipótese definitiva.

Essa hipótese definitiva implica sempre subjetividade individual, e não uma subjetividade filosófica que pode ilusoriamente ser tomada como universal. Com isso naturalmente passamos ao nível da *dúvida*. Qualquer conhecimento obtido é sempre uma aproximação à realidade que pretendeu descrever. Portanto, todo conhecimento deve ser indagado pela coluna 2 da Grade – ou seja, trata-se de conhecimento *verdadeiro* ou *falso*? Merece ser chamado de conhecimento transitório ou deve ser descartado como falsidade? Isso ocorre em virtude de todo fenômeno conter um elemento de mistério, o desconhecido, o inefável, que desperta reações contrárias, mas deve sempre levar a um pensar mais, evitando conclusões finais.

Quando um paciente nos fala, não é obrigatório que tenhamos uma *interpretação* para essa comunicação, pois não se trata de a psicanálise ter que interpretar para ser psicanálise, e sim de o ser humano precisar interpretar para se tornar humano. Como esse ser interage com seus objetos determina o tipo de evolução que tem no sentido de sua humanidade.

A palavra que Freud usou foi “*Deutung*”, com a qual expôs um método original fundamentado e confirmado por uma experiência de *capacidade negativa*, rigorosamente dirigida como método científico. *Deutung* não é *explicação*, mas uma proposição destinada a investigar o desconhecido, ou seja, aquilo que não

sabemos. A interpretação deve agregar o sentido da interação entre objetos, que vem a ser na Grade de Bion a categoria da *notação*, naturalmente subsequente à categoria ψ .

A notação envolve a história que pode ser colhida e pode dar indícios de *invariantes*. Porém, a história se compõe de fatos que se comunicam a distância graças a um arbitrário vínculo lógico. Precisamos de um terceiro para revelar essas correlações lógicas e lhes dar realidade. A aparente incongruência vem do esquecimento de que tudo que se manifesta o faz *para alguma coisa*. Uma correlação entre dois objetos é uma propriedade dos dois objetos: como todas as propriedades, só existe em relação a um terceiro objeto. A *complexidade* não é uma relação dual, ela é sempre uma relação a três.

Conclusão

A psicanálise vista pela complexidade não aceita fenômenos que tenham compreensão dualista. A busca de integração de fenômenos através de imagens oníricas, sonhos e mitos deveria, por si só, descartar as interpretações dualísticas. O problema é que temos que descrever essa vivência de longo alcance em linguagem cotidiana. Mas esta não descreve inteiramente o mundo real da nossa observação e, ainda por cima, somente fornece modelos que são complementares e, portanto, contraditórios.

O que temos, então, a fazer é manter a esperança de que consigamos descrever com os recursos limitados a experiência que observamos.

As ideias de Bion (1977/1981) sobre a *cesura* representam uma das diferenças importantes em sua obra e nos trazem um pouco mais de esperança de observar de outra forma o trabalho analítico e a noção de transferência. “Cesura” é um termo basicamente oriundo da linguagem poética que sugere um modelo de trabalho no campo analítico no qual existe a opção de não se trabalhar classicamente a transferência, mas *na* transferência. Aceitamos, assim, que o observador faz parte do observado indissociavelmente.

A cesura pode surgir em qualquer lugar, fazendo uma conexão entre dois meios. Sua condição é puramente fantasmática, uma vez que passa a existir por causa dos elementos simbólicos que a identificam em determinado momento.

O momento da cesura é determinado pela condição de um sujeito que aí se revela com a dimensão mais básica do ser humano: o *tempo*. Assim, a cesura é tempo, embora indivisível dos elementos espaço e profundidade. Os três elementos que constituem a tridimensionalidade da mente humana estão contidos como potencialidade no elemento inato da pré-concepção. Observamos, então, como eles se desdobram e como somos levados por eles.

O *inato* na pré-concepção é a disposição para buscar uma mente tridimensional. Esse processo não ocorre sem a cesura. Por exemplo, podemos falar de pré-natal e pós-natal, sono e vigília, consciente e inconsciente, finito e infinito, humor transitivo

e intransitivo, transferência e contratransferência. Mas a relação entre os meios só pode ser nomeada com os recursos da linguagem.

Tudo, então, depende de qual linguagem utilizar: *linguagem de êxito* ou *linguagem de substituição*? Se usarmos a primeira, usaremos a cesura e, assim, teremos uma palavra combinada para abrir realidades infinitas. Não ao isolamento entre Eu e Tu, mas Eu-Tu; não diga transferência e contratransferência, mas a *contra-trans-(ferência)*.

Essas palavras são obtidas desse jogo bem-humorado que pode ser o analisar através da habilidade de fazer as perguntas difíceis (que são palavras combinadas), que só têm respostas temporárias. Podemos dizer que são as perguntas essenciais de longo alcance, para momentos nodais da prática analítica. Momentos em que cabe a escolha de um destino: *breakdown*, *breakup*, *breakthrough*.

A intuição, sendo basicamente a expressão do tempo interno, tem sua parte que se pode chamar de *contraintuição*, bem ilustrada pela cena do Chapeleiro Louco em *As aventuras de Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll (1865/2009). A cena mostra como a perda da função do arcabouço psíquico – a pré-concepção – transforma o tempo em um espaço onde nada acontece e, conseqüentemente, não há profundidade nem alcance. Se toda hora é hora do chá, não há intervalo, portanto, não há chá. Nessa cena, temos também o personagem Coelho Branco, que está sempre atrasado, mas o relógio que ele usa não tem ponteiros, ou seja, o relógio (o tempo) perdeu sua função ao perder os vínculos com o espaço e a profundidade.

Então, investigue-se o conjunto infinito, o não-linear, o não-determinístico, o complexo, o não-euclidiano: conceito = espaço, intuição = tempo, profundidade = pensamento. Investigue-se, em outros termos, a *cesura*.

Deixemos viver o futuro no palavrão fornecido pela metafísica: a *verdade*.

El amplio alcance del psicoanálisis: un ensayo sobre la memoria del futuro

Resumen: El autor, partiendo del concepto de preconcepción, entendido como una función generadora de la mente, postula la existencia de una mente embrionaria, que se desarrolla a través del movimiento primitivo de la imaginación radical. Esta también coincide con el fenómeno de la intuición. El movimiento combinatorio de despliegue de la mente, hasta llegar al medio extrauterino y transformarse en imaginación, depende de la interacción con los demás y, para Bion, se entiende en el espectro de posibilidades de observación de la rêverie-función alfa. Ante la complejidad de la mente humana —que no acepta fenómenos que impliquen comprensiones dualistas—, ¿cómo observarla? A lo largo del artículo se desarrollan varias cuestiones que tienen como punto de partida la trilogía *A memoir of the future* (Una memoria del futuro), de Bion.

Palabras clave: preconcepción, imaginación radical, pensamiento complejo, cesura

The far reach of psychoanalysis: an essay on the memoir of the future

Abstract: Drawing on the concept of preconception, understood as a generative function of the mind, the author conjectures the existence of an embryonic mind that develops through the primitive movement of radical imagination, which also coincides with the phenomenon of intuition. The combinative movement through which the mind unfolds until it reaches the extrauterine environment and becomes imagination depends on interaction with others, and is understood by Bion within the spectrum of observational possibilities of *reverie-alpha function*. Given the complexity of the human mind, which does not admit phenomena that allow for dualistic understandings, how can it be observed? Throughout the article, several questions are unfolded, taking Bion's trilogy *A memoir of the future* as their point of departure.

Keywords: preconception, radical imagination, complex thought, caesura

Referências

- Bion, W. R. (1975). *A memoir of the future: Vol. 1. The dream*. Imago.
- Bion, W. R. (1977). *A memoir of the future: Vol. 2. The past presented*. Imago.
- Bion, W. R. (1979). *A memoir of the future: Vol. 3. The dawn of oblivion*. Clunie.
- Bion, W. R. (1981). Cesura. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15(2), 123-136. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bion, W. R. (2004). *Elementos de psicanálise*. Imago. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bion, W. R. (2004). *Transformações*. Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Bion, W. R. (2006). *Atenção e interpretação*. Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Bion, W. R. (2014). Two papers: the grid and caesura. In *The complete works of W. R. Bion* (Vol. 10, pp. 1-49). Karnac. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bion, W. R. (2021). *Aprender da experiência*. Blucher; Karnac. (Trabalho original publicado em 1962)
- Carroll, L. (2009). *As aventuras de Alice no País das Maravilhas*. Relógio d'Água. (Trabalho original publicado em 1865)
- Chuster, A. (2002). *An Oedipal grid* [Apresentação de trabalho]. III Conferência Internacional sobre a Obra de Bion, Los Angeles, EUA.
- Chuster, A. (2018). *Simetria e objeto psicanalítico: desafiando paradigmas com W. R. Bion*. Trio Studio.
- Chuster, A. (2020). *Intuição psicanalítica no sonho e na vigília: cesura, imaginação e linguagem de êxito* [Conferência]. Encontro Internacional BION, Barcelona, Espanha.
- Chuster, A. (2024). *Linguagem de alcance psicanalítico: a diferença transcendental de W. R. Bion*. Blucher.
- Chuster, A. (2025). *O que faz o psicanalista se "somos feitos da mesma matéria que os sonhos"?* [Apresentação de trabalho]. XVII Jornada de Bion, São Paulo, SP, Brasil.
- Freud, S. (2014). Inibição, sintoma e angústia. In *Obras completas: Vol. 17. Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)* (pp. 13-123). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926)
- Heisenberg, W. (2000). *A parte e o todo*. Contraponto. (Trabalho original publicado em 1969)

- Meltzer, D. (1996). *Meltzer em São Paulo: seminários clínicos* (M. O. A. F. França & E. S. Marra, Orgs.). Casa do Psicólogo.
- Milton, J. (2015). *Paraíso perdido*. Editora 34. (Trabalho original publicado em 1667)

Arnaldo Chuster

Endereço: Rua Visconde de Pirajá, 547, sl. 1010, Ipanema. Rio de Janeiro/RJ.

CEP: 22410-002

E-mail: achuster@centroin.com.br

Artigo recebido em 16/02/2026

Artigo aceito em 20/03/2026

Editora responsável pelo artigo: Renata Sarti